

O livro de imagens do padrinho

Hans Christian Andersen

Edição 1.0.0 · Português brasileiro

O padrinho sabia contar histórias, tantas e tão compridas; sabia recortar figuras e desenhar imagens. Quando o Natal se aproximava, trazia um caderno de folhas brancas e limpas e colava nelas imagens tiradas de livros e jornais; se não tinha o bastante para o que queria contar, ele próprio as desenhava. Quando eu era pequeno, recebi vários desses livros de imagens, mas o mais bonito de todos foi o daquele “ano memorável em que Copenhague recebeu gás no lugar dos velhos lampiões de óleo de peixe”; era o que estava anotado junto da primeira folha.

— É preciso guardar muito bem este livro — diziam meu pai e minha mãe. — Só pode aparecer em ocasiões de festa.

Na capa, porém, o padrinho escrevera:

*“Rasgar o livro não é coisa tão grave,
outros amiguinhos fizeram coisa pior.”*

O melhor era quando o próprio padrinho mostrava o livro, lia os versos e o que mais estava escrito e ainda contava tantas coisas; então a história se tornava uma história de verdade.

Na primeira folha havia uma imagem recortada de “O Correio Voador”, onde se via Copenhague com a “Torre Redonda” e a igreja de Nossa Senhora. À esquerda estava colada a imagem de um lampião antigo, com a palavra “Óleo de peixe”; à direita, um candelabro, com a palavra “Gás”.

— Veja, esse é o cartaz! — dizia o padrinho. — É a entrada da história que você vai receber. Ela também poderia ser apresentada como uma comédia inteira, se fosse possível encená-la: “Óleo e gás, ou A vida e os costumes de Copenhague”. É um título muito bom! No pé da folha ainda se vê uma figurinha; não é tão fácil de entender, por isso vou lhe explicar: é um cavalo da morte. Ele só devia aparecer no fim do livro, mas correu na frente para dizer que nem a entrada, nem o miolo, nem a saída prestam; ele teria feito melhor, se fosse capaz de fazer. O cavalo da morte, preciso lhe dizer, passa o dia amarrado no jornal; anda por colunas, como dizem, mas à noite se solta, vai para a porta do poeta e relincha que o homem lá dentro deve morrer imediatamente; mas ele não morre, se houver vida de verdade nele. O cavalo da morte é quase sempre um pobre sujeito que não consegue se entender consigo mesmo nem ganhar o pão e precisa de ar e alimento, que obtém andando por aí e relinchando. Tenho certeza de que não gosta nada do livro de imagens do padrinho; mas nem por isso ele deixa de poder valer o papel em que está escrito.

Veja, essa é a primeira folha do livro, é o cartaz!

Era justamente a última noite em que os velhos lampiões de óleo de peixe estavam acesos; a cidade recebera gás, e ele brilhava tanto que os velhos lampiões pareciam desaparecer por completo em sua luz.

— Eu mesmo estava na rua naquela noite — disse o padrinho. — As pessoas iam de um lado para outro para ver a iluminação nova e a antiga. Havia muita gente e o dobro de pernas em relação ao número de cabeças. Os vigias estavam tão tristes! Não sabiam quando seriam dispensados, assim como os lampiões de óleo; estes pensavam no passado distante, pois não ousavam pensar no futuro. Lembravam-se de tantas coisas das noites tranquilas e

escuras. Apoiei-me num poste de lampião — disse o padrinho. — O óleo e o pavio crepitavam; ouvi o que o lampião dizia, e você também vai ouvir.

— Fizemos o que pudemos — disse o lampião. — Bastamos à nossa época, iluminamos a alegria e a tristeza; presenciamos muitas coisas extraordinárias; fomos, por assim dizer, os olhos noturnos de Copenhague. Que novas chamas nos rendam e assumam o cargo; mas quantos anos vão iluminar e o que vão iluminar, isso ainda se verá! É verdade que brilham um pouco mais forte que nós, os velhos, mas isso não custa nada quando se é fundido como candelabro a gás e se têm ligações como as deles: um despeja no outro! Têm tubos para todos os lados e podem buscar forças na cidade e fora dela! Mas cada um de nós, lampiões de óleo, brilha com o que tem dentro de si, e não por parentesco. Nós e nossos antepassados iluminamos Copenhague desde tempos imemoriais, muito distantes. Mas, como esta é a última noite em que brilhamos e ficamos aqui na rua, por assim dizer, em segunda fileira junto de vocês, companheiros reluzentes, não vamos fazer cara feia nem ter inveja; longe disso, vamos ficar alegres e de bom humor. Somos as velhas sentinelas substituídas por guardas recém-fundidos, com uniformes melhores que os nossos. Vamos lhes contar o que nossa família viu e viveu, até a tataratataravó-lampião: toda a história de Copenhague. Que vocês e seus descendentes, até o último candelabro a gás, possam viver e contar coisas tão extraordinárias quanto nós quando um dia forem dispensados; e serão! Precisam estar preparados. Os homens certamente inventarão uma iluminação mais forte que o gás. Ouvi um estudante dizer que já se falava em vir a queimar água do mar!

O pavio crepitou quando o lampião disse essas palavras; era como se já houvesse água dentro dele.

O padrinho escutou com atenção, refletiu e achou excelente a ideia dos velhos lampiões de contar e mostrar toda a história de Copenhague naquela noite de passagem do óleo para o gás.

— Não se deve deixar escapar uma boa ideia — disse o padrinho. — Agarrei-a na hora, fui para casa e fiz este livro de imagens para você; ele volta ainda mais longe no tempo do que os lampiões podiam voltar.

Aqui está o livro, aqui está a história:

“A vida e os costumes de Copenhague”.

Ela começa com a escuridão completa, uma folha negra como carvão: é o período obscuro.

— Agora viramos a folha! — disse o padrinho.

— Está vendo a imagem? Só o mar bravio e o vento nordeste soprando; ele empurra enormes blocos de gelo. Ninguém navega neles, a não ser grandes rochedos que, lá na Noruega, despencaram das montanhas sobre o gelo. O vento nordeste sopra o gelo adiante; quer mostrar às montanhas alemãs que montes existem lá no Norte. A frota de gelo já está no estreito, diante da costa da Zelândia, onde hoje fica Copenhague; mas então Copenhague não existia. Debaixo da água havia grandes bancos de areia; contra um deles bateram os blocos de gelo com as enormes pedras arredondadas. Toda a frota de gelo parou; o vento nordeste não conseguia desencalhá-la. Então ficou tão furioso quanto podia e lançou uma maldição sobre aquele banco de areia, “aquele banco de ladrões”, como o chamou; jurou que, se um dia ele se erguesse acima da superfície do mar, ali chegariam ladrões e salteadores, ali se ergueriam postes de suplício e rodas de execução.

Mas, enquanto ele praguejava e ralhava, o sol apareceu, e em seus raios balançavam e volteavam espíritos luminosos e suaves, filhos da luz. Dançaram

sobre os blocos de gelo que traziam o frio; estes derreteram, e as grandes pedras arredondadas afundaram no leito de areia.

— Corja do sol! — disse o vento nordeste. — É isso que chamam de companheirismo e parentesco? Vou me lembrar disso e vou me vingar. Agora lanço uma maldição!

— Nós lançamos uma bênção! — cantaram os filhos da luz. — O banco se erguerá, e nós o protegeremos! O verdadeiro, o bom e o belo hão de morar ali!

— Bobagem e conversa fiada! — disse o vento nordeste.

— Veja, os lampiões não sabiam contar nada disso — disse o padrinho —, mas eu sei, e é muito importante para a vida e os costumes de Copenhague.

— Agora viramos a folha! — disse o padrinho.

— Os anos passaram, o banco de areia se ergueu; uma ave marinha pousou na primeira pedra que apareceu acima da água. Você pode vê-la na imagem. Muitos e muitos anos passaram. O mar lançava peixes mortos na areia; o resistente capim-das-dunas brotava, murchava, apodrecia e adubava. Vieram outras espécies de capim e ervas, e o banco se tornou uma ilhota verde. Os vikings desembarcaram. Havia duelos até a morte e um bom ancoradouro junto da ilhota, diante da Zelândia.

A primeira lamparina de óleo de peixe ardia; creio que assavam peixes sobre ela, e peixes não faltavam. Os arenques passavam em grandes cardumes pelo estreito; era difícil levar o barco por cima deles. A água cintilava como se houvesse pólvora lá embaixo, as profundezas brilhavam como a aurora boreal. O estreito tinha riqueza de peixes, por isso se construíram casas na costa da Zelândia: as paredes eram de carvalho e o teto de casca, pois havia árvores

suficientes para isso. Os navios buscavam o porto; o lampião de óleo pendia do cordame oscilante. O vento nordeste soprava e cantava: “Uh-u-uh!” Se um lampião brilhava na ilhota, era um lampião de ladrões; contrabandistas e ladrões exerciam seus ofícios na “Ilha dos Ladrões”.

— Acho que está crescendo todo o mal que eu queria — disse o vento nordeste. — Logo virá a árvore cujos frutos poderei sacudir.

— E aqui está a árvore — disse o padrinho. — Está vendo a força na Ilha dos Ladrões? Ali estão pendurados em correntes de ferro salteadores e assassinos, exatamente como estavam naquele tempo. O vento soprava e fazia os longos esqueletos chocalharem; mas a lua brilhava sobre eles com muita satisfação, como hoje brilha sobre um baile empoeirado. O sol também brilhava alegremente, desfazia os esqueletos que balançavam, e dos raios de sol cantavam os filhos da luz: “Nós sabemos, nós sabemos! Aqui ainda haverá beleza num tempo futuro! Aqui tudo será bom e magnífico!”

— Conversa de pintinhos! — disse o vento nordeste.

— Agora viramos a folha! — disse o padrinho.

— Os sinos tocavam na cidade de Roskilde, onde morava o bispo Absalon; ele sabia ler sua Bíblia e brandir sua espada; tinha poder e vontade. Absalon queria proteger de ataques os ativos pescadores do porto, cuja cidade crescia e era uma praça de comércio. Mandou aspergir água benta naquele solo desonrado. A Ilha dos Ladrões recebeu uma marca honrosa. Pedreiros e carpinteiros começaram a trabalhar; uma construção cresceu por ordem do bispo. Os raios de sol beijavam as paredes vermelhas à medida que se erguiam.

Ali estava a casa de Axel.

*“Castelo com torres
de alta linhagem;
escadas,
sacadas;
Buh!
Hu! —
O vento nordeste,
de bochechas cheias,
sibilava,
soprava,
a fortaleza continuava de pé!”*

E diante dela estava “Hafn”, o porto dos comerciantes.

*“Morada de sereia com lagos brilhantes,
construída junto do bosque verde.”*

(*) N. F. S. Grundtvig.

Os estrangeiros vinham comprar os muitos peixes, construíam tendas e casas com peles de bexiga nas aberturas das janelas, pois o vidro era caro demais; surgiram armazéns com empenas e guinchos. Está vendo, dentro das tendas, os velhos rapazes sentados? Não ousam casar, vendem gengibre e pimenta, esses solteirões da pimenta!

O vento nordeste sopra pelas ruas e ruelas, levanta a poeira e arranca também um telhado de palha. Vaca e porco andam pela vala da rua.

— Vou subjugar e oprimir — diz o vento nordeste —, sibilar ao redor das casas e da casa de Axel! Não posso falhar! Chamam aquilo de Castelo do Suplício, na Ilha dos Ladrões.

Então o padrinho mostrou uma imagem que ele mesmo desenhara. Sobre a muralha havia estaca ao lado de estaca; em cada uma estava a cabeça de um pirata capturado, mostrando os dentes.

— Isso aconteceu de verdade — disse o padrinho. — Vale a pena conhecer e é bom compreender.

O bispo Absalon estava na casa de banhos quando ouviu, através da parede fina, que um navio de corsários se aproximava lá fora. Saltou imediatamente do banho para sua embarcação, soprou a trompa, e a tripulação veio. As flechas voavam contra as costas dos salteadores; eles queriam fugir e remavam com toda a força. Flechas se cravavam em suas mãos, e não havia tempo de arrancá-las. O bispo Absalon capturou todos vivos e lhes cortou a cabeça; cada uma foi posta na muralha ao redor do castelo. O vento nordeste soprava de bochechas cheias, com mau tempo na boca, como dizem os marinheiros.

— Aqui vou me esticar — disse o vento. — Aqui vou me deitar e olhar toda essa tralha.

Ele descansou por horas e soprou por dias; os anos passaram.

— O vigia apareceu na torre do castelo; olhou para leste, para oeste, para sul e para norte. Está aí na imagem — disse o padrinho, mostrando-a. — Você o vê, mas vou lhe dizer o que ele viu.

Da muralha do Castelo do Suplício há águas abertas até a baía de Køge, e é largo o braço de mar até a costa da Zelândia. Diante dos campos de Serritslev e Solbjerg, onde ficam as grandes aldeias, cresce cada vez mais a nova cidade, com suas casas de enxaimel e empenas. Há ruas inteiras de sapateiros e peleiros, de negociantes de especiarias e de cervejeiros; há praça de comércio, há casa de guilda. E perto da praia, onde antes havia uma ilha, ergue-se a

magnífica igreja de São Nicolau. Tem torre e agulha de altura imensa; como se reflete na água clara! Não muito longe fica a igreja de Nossa Senhora, onde as missas são lidas e cantadas, o incenso perfuma e as velas de cera ardem. O Porto dos Comerciantes agora é a cidade do bispo; o bispo de Roskilde manda e governa.

O bispo Erlandsen está na casa de Axel. Na cozinha se fritam, servem-se cerveja e clarete, ouvem-se violinos e tímpanos. Velas e lâmpadas ardem; o castelo brilha como se fosse o lampião de toda a terra e do reino. O vento nordeste sopra ao redor da torre e da muralha, que continuam firmes; sopra em torno da defesa da cidade, a oeste, apenas uma velha paliçada; ela há de resistir! Lá fora está o rei da Dinamarca, Cristóvão I. Os rebeldes o venceram em Skjelskør; ele procura abrigo na cidade do bispo.

O vento sibila e diz, como o bispo: “Fique do lado de fora! Fique do lado de fora! O portão está fechado para você.”

— É tempo de guerra, são dias difíceis; cada homem quer mandar em si mesmo. A bandeira de Holstein tremula na torre do castelo. Há privação e fome, é a noite da angústia: luta no país e a Peste Negra, noite de breu; mas então veio Atterdag.

A cidade do bispo agora é a cidade do rei; tem casas de empenas e ruas estreitas, vigia e prefeitura, uma força de alvenaria junto do Portão Oeste. Nenhum homem de fora pode ser enforcado nela; é preciso ser cidadão da cidade para poder balançar ali, subir tão alto e ver Køge e as galinhas de Køge.

— É uma bela força — diz o vento nordeste. — O belo cresce! — E ele sibilava e soprava.

Da Alemanha sopravam aflição e miséria.

— Vieram os homens da Hansa — disse o padrinho. — Vieram dos armazéns e balcões, os ricos comerciantes de Rostock, Lübeck e Bremen. Queriam abocanhar mais que o ganso de ouro da torre de Valdemar; mandavam mais na cidade do rei dinamarquês do que o próprio rei. Vieram com navios armados, ninguém estava preparado; o rei Erik também não tinha vontade de lutar com os parentes alemães, tão numerosos e tão fortes. O rei Erik e todos os seus cortesãos saíram às pressas pelo Portão Oeste rumo à cidade de Sorø, ao lago tranquilo e às florestas verdes, ao canto de amor e ao tilintar das taças.

Mas alguém ficou em Copenhague: um coração de rei, uma alma de rei. Está vendo esta imagem, a jovem mulher tão delicada e frágil, de olhos azuis como o mar e cabelos amarelos como o linho? É Philippa, rainha da Dinamarca, princesa da Inglaterra. Ficou na cidade angustiada, onde os moradores se agitam nas pequenas ruas e ruelas, com suas escadas íngremes, barracões e tendas remendadas, sem saber para onde ir. Ela tem a coragem e o coração de um homem; chama cidadãos e camponeses, encoraja e anima. Os navios são aparelhados, os fortins recebem homens, os arcabuzes estalam; há fogo e fumaça, há bom humor, Nosso Senhor não abandona a Dinamarca. E o sol brilha em todos os corações, resplandece em todos os olhos na alegria da vitória. Bendita seja Philippa! Assim é chamada na cabana, na casa, no castelo do rei, onde cuida dos feridos e dos doentes. Recortei uma grinalda e a coloquei em volta desta imagem — disse o padrinho. — Bendita seja a rainha Philippa!

— Agora saltamos muitos anos adiante! — disse o padrinho.

— Copenhague salta conosco. O rei Cristiano I esteve em Roma, recebeu a bênção do papa e foi honrado e aclamado ao longo do caminho. Aqui em sua terra constrói uma casa de tijolos cozidos; ali o saber deve crescer e ser exposto em latim. O filho do pobre, vindo do arado ou da oficina, também

pode entrar, avançar mendigando, receber a longa capa preta que lhe chega aos pés e cantar à porta dos cidadãos.

Bem perto da casa do saber, onde tudo é latim, há uma casinha; ali o dinamarquês reina na língua e nos costumes. Há sopa de pão com cerveja no desjejum, e o almoço é às dez da manhã. O sol entra pelos pequenos vidros e ilumina o armário de comida e o de livros. Neste há tesouros escritos: o “Rosário” e as “Comédias devotas” do senhor Mikkel, o livro de medicina de Henrik Harpestreng e a Crônica rimada da Dinamarca, do irmão Niels de Sorø. Todo dinamarquês deveria conhecê-la, diz o dono da casa, e ele é homem capaz de torná-los conhecidos. É o primeiro impressor da Dinamarca, o holandês Gotfred van Gehmen. Exerce a arte negra e bendita, a arte da impressão.

E os livros chegam ao castelo do rei e à casa do cidadão. Provérbios e canções recebem vida eterna. O que o homem não ousa dizer na tristeza e na alegria, o pássaro da canção popular canta de modo velado e, ainda assim, claro. Voa tão livre e tão longe, atravessa o salão dos criados e o castelo do cavaleiro; pousa como falcão na mão da donzela nobre e gorjeia, entra sorrateiro como um ratinho e pia no calabouço para o camponês escravizado.

— Isso tudo é vento de boca! — diz o cortante vento nordeste.

— É primavera! — dizem os raios do sol. — Vejam como o verde começa a despontar!

— Agora avançamos as folhas de nosso livro de imagens! — disse o padrinho.

— Como Copenhague brilha! Há torneios e jogos, há cortejos magníficos; vejam os nobres cavaleiros de armadura, vejam as senhoras de alta linhagem vestidas de seda e ouro! O rei Hans dá sua filha Elisabeth em casamento ao

príncipe-eleitor de Brandemburgo. Como ela é jovem, como está feliz! Pisa em veludo; um futuro vive em seu pensamento: a felicidade do lar. Bem perto dela está seu irmão real, o príncipe Cristiano, de olhos melancólicos e sangue quente e impetuoso. Ele ama os cidadãos, conhece sua opressão e pensa no futuro dos pobres.

Só Deus dispõe da felicidade!

— Agora avançamos as folhas de nosso livro de imagens! — disse o padrinho.

— O vento sopra cortante, canta sobre a espada cortante, sobre o tempo difícil, o tempo de guerra.

É um dia gelado, é meados de abril. Por que a multidão se reúne fora do castelo, diante da antiga alfândega, onde o navio real está com velas e bandeira? Veem-se pessoas nas janelas e nos telhados. Há tristeza e pesar, expectativa e angústia. Olham para o castelo, onde antes havia dança de tochas nos salões dourados, mas agora tudo está tão quieto e vazio; olham para a sacada de onde o rei Cristiano tantas vezes espiou por cima da “Ponte Alta” e ao longo da estreita “Rua da Ponte Alta”, em direção à sua Pombinha, a moça holandesa que trouxera da cidade de Bergen. As venezianas estão fechadas. A multidão olha para o castelo; agora o portão se abre, a ponte levadiça desce. Lá vem o rei Cristiano com sua fiel esposa Elisabeth; ela não quer abandonar seu senhor real, agora que ele está tão duramente acuado.

Havia fogo em seu sangue, havia fogo em seu pensamento; queria romper com o tempo antigo, quebrar o jugo do camponês, ser bom para os cidadãos, cortar as asas dos “falcões gananciosos”; mas eram numerosos demais para ele. Parte da terra e do reino para, lá fora, conquistar amigos e parentes a seu favor. A esposa e os homens fiéis o acompanham; todos os olhos estão molhados nesta hora da separação.

Vozes se misturam ao canto do tempo, contra ele e a favor dele, um coro triplo. Ouçam as palavras da nobreza, que estão escritas e impressas:

“Maldito seja você, Cristiano, o Mau! O sangue derramado na praça de Estocolmo clama alto contra você, o clamor da maldição!”

E a fileira dos monges dá a mesma sentença: “Seja rejeitado por Deus e por nós! Você chamou para cá a doutrina luterana; deu-lhe igreja e púlpito, deixou falar a língua do diabo. Maldito seja você, Cristiano, o Mau!”

Mas o camponês e o cidadão choram profundamente: “Cristiano, querido do povo! O camponês não poderá ser vendido como gado nem trocado por um cão de caça! Essa lei é o testemunho a seu favor!” Mas as palavras do pobre são como palha ao vento.

Agora o navio passa diante do castelo, e os cidadãos correm para a muralha, a fim de ver mais uma vez a embarcação real que parte.

— O tempo é longo, o tempo é difícil; não confie nos amigos, não confie nos parentes!

O tio Frederico, no castelo de Kiel, bem queria ser rei do país.

O rei Frederico está diante de Copenhague. Vê esta imagem: “a fiel Copenhague”. Ao redor há nuvens negras como carvão, com imagem sobre imagem; examine cada uma! É uma imagem sonora, ainda ressoa nas lendas e nas canções: o tempo pesado, difícil, amargo, no decorrer dos anos.

Que fim levou o rei Cristiano, a ave errante? As aves cantaram a respeito, e voam longe, por terra e mar. A cegonha chegou cedo na primavera, vinda do sul, por sobre as terras alemãs; tinha visto o que agora se conta.

“Vi o fugitivo rei Cristiano viajando pela charneca coberta de urze; ali encontrou um veículo miserável, puxado por um único cavalo; nele estava uma mulher, a irmã do rei Cristiano, a marquesa de Brandemburgo; fiel à doutrina luterana, fora expulsa por seu marido. Na charneca escura se encontraram os filhos reais exilados (*). O tempo é difícil, o tempo é longo, não confie em amigo nem parente!”

(*) “É bem estranho pensar que um príncipe tão temente a Deus, fino e nobre como era o rei Hans tivesse filhos com tão pouca sorte no mundo.” Arild Hvitfeld.

A andorinha veio do castelo de Sønderborg com um canto lastimoso. “O rei Cristiano foi traído! Está lá na torre profunda como um poço; seus passos pesados gastam sulcos no chão de pedra, seu dedo deixa marca no mármore duro.”

*“Oh, que dor encontrou palavras tais
como as que o sulco da pedra encontrou?” (**).*

(**) Fr. Paludan-Müller.

A águia-pesqueira veio do mar encapelado! Ele é aberto e livre, por ele voa uma embarcação, é o valente Søren Norby, da Fiónia. A sorte o acompanha — mas a sorte é mutável como o tempo e o vento.

Na Jutlândia e na Fiónia, o corvo e a gralha gritam: “Estamos andando de carruagem! Vai tudo tão bem, tão bem! Aqui jazem carcaças de cavalos, e de gente também.” É tempo de guerra, é a Contenda do Conde. O camponês pegou seu porrete, o morador da cidade sua faca, e então gritaram bem alto: “Vamos matar os lobos, para que não reste nenhum filhote!” Das cidades em chamas vêm nuvens e fumaça.

O rei Cristiano está prisioneiro no castelo de Sønderborg; não será libertado, não verá Copenhague e sua amarga miséria. Em Nørre-Fælléd está Cristiano III, onde o pai esteve. Na cidade há angústia, há fome e doença contagiosa. Junto ao muro da igreja está sentada uma mulher em farrapos, emaciada; é um cadáver; duas crianças vivas estão em seu colo e sugam sangue do peito da morta.

A coragem caiu, a resistência cai. Ó fiel Copenhague! —

— Soa uma fanfarra; ouça os tímpanos e as trombetas!

Em roupas ricas de seda e veludo, com plumas a ondear, os senhores nobres chegam em cavalos com arreios debruados de ouro; cavalgam para Gammeltorv. Há carrossel equestre ou torneio, segundo o costume? Burgueses e camponeses, com seus melhores trajes, também se dirigem para lá. O que há para ver? Ergueram uma fogueira para queimar imagens papistas, ou o carrasco está ali, como esteve junto à fogueira de Slaghoek? O rei, senhor do país, é luterano; isso deve ser reconhecido, afirmado e publicamente legitimado.

Damas de alta posição e donzelas nobres, com golas altas e pérolas nas toucas, estão sentadas atrás das janelas abertas e veem todo aquele esplendor. Sobre um pano estendido, sob um dossel de tecido, senta-se o Conselho do Reino em trajes antiquíssimos, perto do trono do rei.

O rei está calado. Agora se lê em língua dinamarquesa sua vontade, a vontade do Conselho do Reino; o burguês e o camponês recebem palavras duras, palavras de censura por toda a resistência que haviam mostrado à alta nobreza. O burguês foi humilhado, o camponês tornou-se servo. Agora ressoa a condenação dos bispos do país. Seu poder terminou. Todos os bens da Igreja e dos conventos são entregues ao rei e à nobreza.

Há soberba e ódio, há ostentação, há miséria.

*“A ave pobre vem mancando,
vem capengando...
A ave rica vem zunindo,
vem estrondando!” —*

O tempo das mudanças tem nuvens pesadas, mas também sol; ele brilhou naquele instante na casa do saber, no lar do estudante, e dali brilham nomes até os nossos dias. Hans Tausen, o filho pobre de um ferreiro da Fiónia:

*“Era aquele menininho da vila de Birkende,
seu nome voou pela Dinamarca com a fama do povo.
Um Martinho Lutero dinamarquês, combateu com a espada da Palavra,
e venceu com o espírito no exército do povo de coração.” (*)*

(*) B. S. Ingemann.

Brilha o nome Petrus Palladius, em latim, mas em dinamarquês Peter Plade, bispo de Roskilde, também filho de um ferreiro pobre na terra dos jutos. E entre os nomes nobres resplandece Hans Friis, chanceler do reino. Ele pôs o estudante à sua mesa, cuidou dele e também do menino da escola. E um, acima de todos, recebe vivas e canções:

*“Enquanto um estudante no porto de Axel
souber escrever uma letra,
por todo esse tempo o nome do rei Cristiano
será saudado com vivas.” (*)*

(*) Poul M. Møller.

Raios de sol surgiram entre as nuvens pesadas no tempo das mudanças. —

— Agora viramos a página.

O que murmura e canta no Grande Belt, junto à costa de Samsø? Do mar sobe uma sereia de cabelos verdes como algas; ela profetiza ao camponês: nascerá um príncipe que será um rei, poderoso e grande.

No campo, debaixo do espinheiro-alvar florido, ele nasceu. Agora seu nome floresce nas lendas e nas canções, nos solares e nos castelos por toda parte. A Bolsa ergueu-se com torre e pináculo; Rosenborg elevou-se e olhou para longe, por sobre a muralha; o próprio estudante ganhou sua casa, e bem perto dela se ergueu e ainda aponta para o céu a Torre Redonda, uma coluna de Urânia, que olha para Hveen, onde se erguia altivo Uranienborg; suas cúpulas douradas brilhavam ao luar, e as sereias cantavam sobre o homem que ali vivia, a quem visitavam reis e grandes homens do espírito, o escolhido do gênio, de sangue nobre, Tycho Brahe. Ele elevou tanto o nome da Dinamarca que, junto com o céu estrelado, ele era conhecido em todos os países da Terra de elevado espírito. E a Dinamarca o expulsou de si.

Ele cantou consolo em sua dor:

*“Não está o céu em toda parte?
De que mais preciso, então?”*

Seu canto tem a vida da canção popular, como o canto da sereia sobre Cristiano IV. —

— Agora vem uma página que você deve olhar com atenção! — disse o padrinho. — Há imagem sobre imagem, como na balada antiga há verso sobre verso. É uma canção tão alegre no começo, tão triste no desfecho.

Uma filha de rei dança no castelo do rei, que encanto vê-la! Está no colo de Cristiano IV, sua amada filha Eleonore. Cresce nos costumes e nas virtudes

femininas. O mais distinto homem da poderosa nobreza, Corfitz Ulfeldt, é seu noivo. Ela ainda é criança; também recebe varadas de sua severa aia; queixa-se ao amado, e tem razão. Como é inteligente, polida e instruída, sabe grego e latim, canta em italiano acompanhando-se ao alaúde, sabe falar do papa e de Lutero.

O rei Cristiano jaz na capela funerária da catedral de Roskilde. O irmão de Eleonore é rei. Há brilho e esplendor no castelo de Copenhague, há beleza e engenho, em primeiro lugar a própria rainha: Sophie Amalie de Lüneburg. Quem governa seu cavalo tão bem quanto ela? Quem tem na dança uma majestade como a dela, quem fala com conhecimento e espírito como a rainha da Dinamarca?

“Eleonore Christine Ulfeldt!” Essas palavras foram ditas pelo embaixador francês. “Em beleza e inteligência ela supera a todos.”

Do chão encerado do salão de baile do castelo cresceu o carrapicho da inveja; ele se agarrou, enredou-se e espalhou em torno a zombaria das ofensas: “Aquela filha de concubina! Sua carruagem deve parar junto à ponte do castelo; onde a rainha vai de carro, a senhora deve ir a pé!” Voavam fofocas, invenções e mentiras.

E Ulfeldt toma a esposa pela mão na noite silenciosa. Tem as chaves das portas da cidade; abre uma delas, os cavalos esperam lá fora. Cavalgam ao longo da praia, e então partem de navio para a terra sueca. —

— Agora viramos a página, como a sorte se vira para os dois.

É outono, o dia é curto, a noite é longa; tudo é cinzento e úmido, o vento tão frio e cada vez mais forte. Ele murmura na folhagem das árvores da muralha, as folhas voam para dentro do solar de Peder Oxe; está vazio, abandonado por

seu senhor. O vento sopra por Christianshavn, ao redor do solar de Kaj Lykke, agora uma casa de correção. Ele próprio foi privado da honra e expulso do país, seu brasão foi quebrado, sua imagem pendurada na mais alta forca; assim foram castigadas suas palavras atrevidas e levianas sobre a honrada rainha do país. Bem exposta ao vento também está aqui a praça aberta onde ficava o solar do mordomo-mor do reino; agora dele só resta uma pedra. “Eu a impeli como seixo rolado até aqui, sobre o gelo que navegava”, murmura o vento. “A pedra encalhou onde mais tarde Thyssø se ergueu, amaldiçoada por mim; depois foi parar no solar do senhor Ulfeldt, onde a senhora cantava ao som do alaúde, lia grego e latim e se erguia orgulhosa; agora só a pedra se ergue aqui com sua inscrição:

*‘O traidor Corfitz Ulfeldt,
para eterno escárnio, vergonha e desonra.’*

Mas onde está ela agora, a distinta senhora? Hu—ih—hu—ih!, assobia o vento com voz cortante. Na Torre Azul, atrás do castelo, onde a água do mar bate contra o muro viscoso, ali ela já está há muitos anos. No aposento há mais fumaça que calor; a janelinha fica lá no alto, junto ao teto. A filha mimada do rei Cristiano IV, a mais fina donzela e senhora, como está pobremente alojada, como está mal alojada! A lembrança pendura cortinas e tapeçarias ao redor das paredes enfumaçadas da prisão. Ela recorda o belo tempo da infância, os traços bondosos e radiantes de seu pai; recorda seu cortejo de casamento magnífico: os dias de seu orgulho, seu tempo de provações na Holanda, na Inglaterra e em Bornholm.

*‘Nada parece pesado ao amor conjugal,
a fidelidade é a virtude da qual não se deve ter vergonha.’*

Mas então estava junto dele, agora está sozinha, para sempre sozinha! Não sabe onde fica o túmulo dele, e ninguém sabe.

‘Fidelidade ao marido foi toda a sua culpa.’

— Ela ficou presa por anos, longos e muitos, enquanto a vida se movia lá fora. Ela nunca para, mas nós queremos parar aqui um instante, pensar nela e nas palavras da canção:

*‘A meu marido cumpri fielmente meu juramento,
na penúria e na grande miséria!’*

— Vê a imagem aqui? — disse o padrinho. — É inverno; o gelo estende uma ponte entre Lolland e Fiônia, uma ponte para Carlos Gustavo, que avança sem parar. Há saques e incêndios criminosos, angústia e miséria em todo o país.

O sueco está diante de Copenhague. O frio corta, a neve rodopia; mas, fiéis ao rei e fiéis a si mesmos, homens e mulheres estão prontos para o combate. Cada artesão, caixeiro, estudante e mestre está sobre a muralha, para a guarda e a defesa. Não há medo das balas incandescentes. O rei Frederico jurou que morreria em seu ninho. Cavalga lá em cima, e a rainha com ele. Há coragem, força humana e amor à pátria. Que o sueco vista sua mortalha e avance furtivamente pela neve branca, que tente o assalto! Derrubam-se sobre eles vigas e pedras; sim, as mulheres vêm com caldeirões de cervejaria e despejam breu e alcatrão ferventes sobre os inimigos que atacam.

Nesta noite, rei e burguês são um só poder unido. E há salvação, e há vitória. Os sinos tocam, ressoa um canto de graças. Gente da cidade, aqui ganhaste esporas de nobreza! —

— O que vem agora? Veja a imagem aqui!

A esposa do bispo Svane chega numa carruagem fechada; só à alta e poderosa nobreza isso é permitido. Os orgulhosos fidalgos destroem o carro; a esposa do bispo tem de ir a pé para o palácio episcopal.

É essa a história toda? — Algo muito maior será destruído no instante seguinte: o domínio da arrogância.

O prefeito Hans Nansen e o bispo Svane apertam as mãos para agir em nome do Senhor. Falam com inteligência e honestidade; ouve-se isso na igreja e na casa do burguês. Um aperto de mãos de união e o porto é bloqueado, as portas se fecham, o sino de alarme toca, o poder foi dado somente ao rei, àquele que ficou em seu ninho no momento do perigo; que ele reine, que ele governe grandes e pequenos!

É o tempo do absolutismo. —

— Agora viramos a página e, com ela, o tempo.

“Alô, olá, alô!” O arado foi posto de lado, deixa-se a urze crescer, mas a caça é boa. “Alô, olá!” Ouça as trompas sonoras e os cães a latir. Veja o grupo de caçadores, veja o próprio rei, o rei Cristiano V; ele é jovem e alegre! No castelo e na cidade há divertimento. Nos salões, velas de cera, no pátio, tochas, e as ruas da cidade ganharam lampiões. Tudo brilha tão novo! A nova nobreza, chamada da Alemanha, barões e condes, recebe favor e presentes; agora valem os títulos, a posição social e a língua alemã.

Então ressoa uma voz tão autenticamente dinamarquesa: é o filho do tecelão, agora bispo, é a voz de Kingo, que canta os belos salmos.

Há outro filho de burguês, filho de um comerciante de vinhos, cujo pensamento ilumina a lei e a justiça; seu código de leis tornou-se fundo de ouro para o nome do rei, que perdura pelos tempos futuros. Esse filho de

burguês, o homem mais poderoso do país, recebe um brasão de nobreza e também inimigos; então a espada do carrasco, no lugar da execução, está sobre a cabeça de Griffenfeldt. Nesse momento ressoa o indulto, com prisão perpétua. Mandam-no para uma ilha rochosa junto à costa de Trondheim:

“Munkholm — a Santa Helena da Dinamarca.”

Mas a dança corre leve no salão do castelo, há brilho e esplendor, há música animada, dançam cortesãos e damas. —

— Agora vem o tempo de Frederico IV!

Veja os orgulhosos navios com bandeiras de vitória! Veja o mar encapelado! Sim, ele pode contar grandes feitos, a glória da Dinamarca. Lembramos nomes, o vitorioso Sehested e Gyldenløve! Lembramos Hvitfeldt, que, para salvar a frota dinamarquesa, fez explodir seu navio e voou para o céu com o Dannebrog. Pensamos no tempo e na luta de então, e no herói que saltou das montanhas norueguesas para a defesa da Dinamarca: Peter Tordenskjold. Do mar magnífico, do mar que se avoluma, seu nome troveja de costa a costa:

*“Um relâmpago atravessou a poeira da pólvora,
um trovão ressoou pelo sussurro do tempo;
um aprendiz de alfaiate saltou da mesa de costura,
da costa da Noruega saiu um pequeno ‘snau’.
E o espírito viking sobre o mar do Norte
voou de novo, ousado de juventude e cingido de aço.” (*)*

(*) Carl Ploug.

Veio uma brisa da costa da Groenlândia, um perfume como da terra de Belém; anunciava a luz do Evangelho por Hans Egede e sua esposa.

Por isso metade desta página tem fundo de ouro; a outra metade, que indica a tristeza, é cinzenta como cinza, com manchas negras, como de fagulhas de fogo, como de peste e doença.

Em Copenhague a peste assola. As ruas estão vazias, as portas fechadas; por toda parte desenhou-se uma cruz a giz: ali dentro está a doença, mas onde a cruz é negra todos morreram.

Na noite os cadáveres são levados, sem badalar de sino; nas ruas levam junto os semimortos; os carros funerários rangem, estão cheios de cadáveres. Mas da sala da taverna vêm cantos horríveis de embriagados e gritos selvagens. Com a bebida querem esquecer a amarga miséria; querem esquecer e acabar — acabar! Tudo tem fim, afinal. Aqui a página termina com outra desgraça e tempo de provação para Copenhague.

O rei Frederico IV ainda vive; seus cabelos embranqueceram com o correr dos anos. Da janela do castelo olha para fora, para o tempo tempestuoso; é o fim do ano.

Numa casinha junto à Porta Oeste, um menino brinca com sua bola; ela voa para o sótão. O pequeno pega uma vela de sebo, sobe para procurá-la, e então o fogo se acende na casinha, na rua inteira. O ar se ilumina, de modo que as nuvens brilham. Veja as chamas crescerem! Há alimento para o fogo, há feno e palha, há toucinho e alcatrão, há pilhas de lenha para o inverno. E tudo arde. Há choro e gritos, há grande confusão. No meio da multidão cavalga o velho rei, anima, ordena. Fazem-se explosões com pólvora, derrubam-se casas. Agora também arde o Bairro Norte, e as igrejas queimam: São Pedro, Nossa Senhora! Ouça o carrilhão tocar sua última canção: “Afasta a ira, Senhor Deus, por tua graça!”

Só a Torre Redonda permanece de pé, e o castelo permanece; ao redor há terrenos fumegantes. O rei Frederico IV é bom para o povo, consola e alimenta, está junto dele, é amigo dos sem-teto. Abençoado seja Frederico IV!

—

— Agora veja esta página!

Veja a carruagem dourada, com criados ao redor, cavaleiros armados à frente e atrás; vem do castelo, onde estenderam uma corrente de ferro para impedir que o povo chegue perto demais. Todo homem que não pertence à nobreza deve atravessar a praça de cabeça descoberta; por isso não se veem muitos, eles evitam o lugar. Agora vem um, de olhos baixos, com o chapéu na mão, e é justamente o homem daquele tempo cujo nome mais exaltamos:

*“Como um vento purificador sua fala ressoava,
para o sol dos dias vindouros;
os costumes contrabandeados, como gafanhotos, saltavam
de volta pelo caminho por onde tinham vindo.” (*)*

(*) Christian Wilster.

É o engenho e o humor, é Ludvig Holberg. O palco dinamarquês, castelo de sua grandeza, foi fechado, como se fosse morada do escândalo. Toda alegria foi posta no caixão; dança, canto e música estão proibidos e banidos. Agora governa o cristianismo sombrio. —

— “Der Dänenprinz!”, como sua mãe o chamava, “o príncipe dinamarquês”: agora chega o seu tempo com sol, com o canto das aves, com alegria, espírito dinamarquês e divertimento; Frederico V é rei. E retiram-se as correntes da praça junto ao castelo; o palco dinamarquês foi aberto de novo, há riso e prazer, há bom humor. E os camponeses entram a cavalo na cidade, trazendo

o verão! É tempo de alegria depois do jejum e do tempo de acanhamento. O belo prospera, dá flor e fruto em sons, em cores, nas artes plásticas. Ouça a música de Gretry! Veja Londemann representar! E a rainha da Dinamarca ama o que é dinamarquês. Luísa da Inglaterra, bela e bondosa; que Deus em seu céu te abençoe! Os raios de sol cantam suavemente em coro sobre as rainhas da terra dinamarquesa: Philippa, Elisabeth, Luísa. —

— A parte terrena há muito foi posta no caixão, mas as almas vivem, e os nomes vivem. De novo a Inglaterra manda uma noiva real: Matilde, tão jovem e logo tão abandonada! Sobre ti os poetas cantarão através do tempo, sobre o coração juvenil e a hora da provação. E a canção tem poder, um poder infinito através dos tempos e dos povos. Veja o incêndio do castelo, a fortaleza do rei Cristiano! Tentam salvar o melhor que há. Veja os homens do arsenal naval arrastarem um cesto de prata e objetos preciosos; é grande riqueza, mas de repente veem pela porta aberta, onde brilham as chamas, um busto de bronze: o rei Cristiano IV. Então largam a riqueza que carregam; sua imagem lá dentro vale para eles muito mais! Precisam salvá-la, por mais pesada que seja de carregar. Pois o conhecem pela canção de Ewald, pela bela melodia de Hartmann.

Há poder na palavra e na canção, e um dia ela ressoará com a mesma força a respeito da pobre rainha Matilde. —

— Agora folheamos adiante em nosso livro de imagens.

Na praça de Ulfeldt ficava a pedra da vergonha; onde no mundo se ergueu uma igual? Junto à Porta Oeste ergueu-se um monumento; quantos iguais a ele haverá no mundo?

Os raios de sol beijavam o seixo rolado, o alicerce sob o Monumento da Liberdade. Todos os sinos das igrejas tocavam, as bandeiras ondeavam; o

povo aclamava o príncipe herdeiro Frederico. Velhos e jovens traziam no coração e na língua os nomes Bernstorff, Reventlow, Colbjørnsen. Com olhos radiantes e corações agradecidos lê-se a abençoada inscrição do monumento:

“O rei ordenou que cesse o vínculo que prende o camponês à propriedade, que as leis rurais recebam ordem e força, para que o camponês livre possa tornar-se corajoso e esclarecido, trabalhador e bom, cidadão honrado, feliz!”

Que dia de sol! Que verão trazido à cidade!

Os espíritos da luz cantavam: “O bem cresce! O belo cresce! Em breve cairá a pedra na praça de Ulfeldt, mas o Monumento da Liberdade permanecerá ao sol, abençoado por Deus, pelo rei e pelo povo.”

*“Temos uma velha estrada,
ela vai até o fim do mundo.” (*)*

(*) N. F. S. Grundtvig.

— O mar aberto, aberto ao amigo e ao inimigo, e o inimigo estava lá. Chegou navegando, a poderosa frota inglesa; uma grande potência avançou contra uma pequena. A luta foi dura, mas o povo corajoso:

*“Cada um ficou firme, sem esmorecer,
ficou, combateu e abraçou a morte!” (**)*

(**) W. H. F. Abrahamson.

conquistou a admiração de seu inimigo e entusiasmou os poetas da Dinamarca. O dia daquela batalha é lembrado até hoje com bandeiras ondeando: o honroso dois de abril da Dinamarca, a batalha de Quinta-Feira Santa na rada. —

— Passaram-se anos. Uma frota foi vista no Øresund. Era contra a Rússia ou contra a Dinamarca? Não se sabia, nem mesmo ninguém a bordo.

Corre entre o povo uma história de que, naquela manhã no Øresund, quando a ordem lacrada foi aberta e lida em voz alta, e ela dizia: tomar a frota dinamarquesa, apresentou-se ao seu comandante um jovem capitão, de coração nobre em palavras e atos, um filho da Grã-Bretanha: “Jurei”, foram suas palavras, “que até minha morte combateria pela bandeira da Inglaterra, numa batalha aberta e honesta, mas não para subjugar.”

E com isso atirou-se ao mar!

*“E a frota rumou para Copenhague. —
Longe do lugar onde a batalha se travaria,
jazia ele, o capitão — desconhecido é seu nome —,
um cadáver batizado pela água, oculto nas águas negras,
até que a corrente o trouxe à tona, e homens suecos,
numa pesca em noites cheias de estrelas,
o encontraram, levaram-no no barco para a praia
e — fizeram tilintar as dragonas do morto.” (*)*

(*) Carl Bagger.

O inimigo estava diante de Copenhague; tudo brilhava em chamas, perdemos a frota, mas não a coragem e a fé em Deus; ele verga, mas ergue outra vez. As feridas se curam como nas batalhas dos einherjar. A história de Copenhague é rica em consolo.

*Sempre esta foi a crença do povo:
a Dinamarca tem em Nosso Senhor um amigo.
Se nos mantivermos firmes, ele nos sustenta,
e o sol brilhará amanhã.*

Logo ele brilhou sobre a cidade reerguida, sobre ricos campos de trigo, sobre a inteligência e o engenho; um abençoado dia de verão e de paz, em que a poesia ergueu sua fata morgana, tão esplêndida de cores, com Oehlenschläger.

E na ciência fez-se uma descoberta, muito mais que um corno de ouro nos tempos antigos; uma ponte de ouro foi descoberta:

— — *“uma ponte para o relâmpago do pensamento,
em todos os tempos, até os povos e os reinos.”*

Hans Christian Ørsted inscreveu ali seu nome.

E veja! Junto ao castelo, perto da igreja, ergueu-se um edifício, para o qual até o homem e a mulher mais pobres deram alegres sua pequena contribuição.

— Você se lembra, lá do começo do livro de imagens — disse o padrinho —, dos antigos blocos de pedra que despencaram das montanhas da Noruega e foram trazidos pelo gelo até aqui; foram erguidos outra vez do fundo arenoso profundo, por ordem de Thorvaldsen, na beleza do mármore; que prazer ver!

Lembre-se do que lhe mostrei e do que contei! O fundo arenoso do mar elevou-se, tornou-se defesa do porto, sustentou a casa de Axel, sustentou o palácio do bispo e o castelo do rei e agora sustenta o templo do belo. As palavras de maldição foram levadas pelo vento, mas aquilo que os filhos da luz do sol cantaram alegres sobre um tempo vindouro se cumpriu.

Tantas tempestades já passaram; ela pode voltar e passará outra vez. O verdadeiro, o bom e o belo têm a vitória.

E assim o livro de imagens está terminado; mas está longe de terminar a história de Copenhague. Quem sabe o que você mesmo ainda viverá um dia.

Muitas vezes tudo pareceu negro, soprou uma tempestade, mas a luz do sol não foi levada pelo vento: ela permanece! E mais forte ainda que a luz do sol mais forte é Deus! Nosso Senhor governa mais do que Copenhague. —

Isso disse o padrinho, e me deu o livro. Seus olhos brilhavam, ele estava tão seguro do que dizia. E eu peguei o livro tão alegre, tão orgulhoso e cuidadoso como, havia pouco, carregara minha irmãzinha pela primeira vez.

E o padrinho disse:

— Você pode mostrar seu livro de imagens a uma pessoa ou outra, pode também dizer que eu fiz, coleí, desenhei a obra inteira. Mas é questão de vida que saibam logo de onde tirei a ideia. Você sabe, conte! A ideia se deve aos velhos lampiões de óleo de peixe, que, justamente na última noite em que arderam, mostraram ao candelabro a gás da cidade, como uma fada morgana, tudo o que se tinha visto desde que o primeiro lampião foi aceso junto ao porto até agora, nesta noite em que Copenhague é iluminada tanto a óleo de peixe como a gás.

Pode mostrar o livro a quem quiser, isto é, a pessoas de olhos bondosos e espírito amável; mas, se vier um cavalo da morte — então feche

o livro de imagens do padrinho.

Texto e edição: As Verdadeiras Histórias

Tradução: Codex · tradução assistida por IA

Revisão: Codex · revisão independente por IA

Produção: Bons Filhos Educação

<https://verdadeirashistorias.com.br/contos/o-livro-de-imagens-do-padrinho>